

DIALOGISMO E RESPONSABILIDADE NA PROPOSTA DE REDAÇÃO DO ENEM 2017

Marta Betânia Marinho Silva¹

Silvio Nunes da Silva Júnior²

RESUMO

Dentro de uma perspectiva interpretativa e processual que nos coloca, pretensiosamente, no campo transdisciplinar da Linguística Aplicada, numa articulação direta com a teoria dialógica da linguagem (VOLOCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2003), temos o propósito, com o presente trabalho, de visualizar a relação dialógica de responsividade na proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para tal empreendimento, centramo-nos, após uma reflexão teórica sobre dialogismo e responsividade, na consígnia da proposta de redação do Enem 2017, levando em conta as situações que levam à nota zero. Depreendemos, em linhas gerais, que a responsividade do participante se torna explícita quando este cumpre os requisitos para a avaliação pontuada do seu texto, impedindo-o de ser encaminhado para a anulação do seu texto. Não obstante, observamos, também, que o não entendimento do solicitado pela proposta também se configura como um movimento responsivo ativo, visto que a citada relação dialógica não se manifesta somente em efeitos positivos na produção que a sucede, mas sim, é sempre perceptível em qualquer que seja a prática de linguagem verbal ou não-verbal inserida num dado contexto de comunicação discursiva.

Palavras-chave: Linguagem. Participante. Prática.

ABSTRACT

In an interpretative and procedural perspective that puts us, pretentiously, in the transdisciplinary field of Applied Linguistics, in a direct articulation with the dialogical theory of language (VOLOCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2003), the purpose of this paper is to visualize the dialogical relationship of responsiveness in the drafting proposal of the National High School Examination (ENEM). For this project, we focus, after a theoretical reflection on dialogism and responsiveness, in accordance with the proposal of drafting of the Enem 2017, taking into account the situations that lead to zero. We broadly assume that the participant's responsiveness becomes explicit when the participant fulfills the requirements for the punctuated evaluation of his text, preventing him from being referred for annulment of his text. Nevertheless, we also observe that the non-understanding of what is requested by the proposal also constitutes an active responsive movement, since the aforementioned dialogical relation is not only manifested in positive effects in the production that succeeds it, but is always perceptible in regardless of the practice of verbal or non-verbal language inserted in a given context of discursive communication.

Keywords: Language. Practical Participant.

1 Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Administradora da Faculdade de Letras (FALE/UFAL).

2 Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Professor do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As práticas discursivas estão por toda parte. Ao partir do pensamento bakhtiniano de que a linguagem é um fenômeno social concreto e dinâmico (BAKHTIN, 2003), depreendemos que as variadas práticas de linguagem que permeiam o nosso cotidiano têm cada uma a sua contribuição para as constantes constituições de sujeito que ocorrem a cada contato com o *outro* no plano da subjetividade. Nesse sentido, observamos, como professores de língua portuguesa que, em nosso lugar social, participamos de atividades práticas de produção discursiva, como, por exemplo, as de produção de textos escritos no ensino médio, que muito se tem falado acerca dos cuidados necessários para a elaboração de um bom texto para exames de seleção, como, neste caso específico, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Tais cuidados/recomendações estão colocados na proposta de redação e no Edital do ENEM, disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC), a primeira, no dia da execução do exame, e o segundo, meses antes desta feita.

O edital, assim como os manuais de redação, sob esse viés, possuem importantes papéis no direcionamento das práticas de muitos professores de educação básica e de cursos pré-vestibulares, bem como de muitos alunos que se preparam para o ingresso na universidade a partir do já mencionado exame. Diante do nosso papel, o qual vai muito além dos nossos contatos com os alunos em escolas de rede pública e privada e se volta, também, para a pesquisa acadêmica na universidade, mais especificamente, no contexto de cursos de graduação e pós-graduação em Letras, percebemos a relevância de analisar a proposta de redação do ENEM numa perspectiva dialógico-discursiva. Essa inquietação surgiu do nosso empreendimento na pesquisa em Linguística Aplicada numa vertente que dialoga de modo satisfatório com a teoria dialógica da linguagem (VOLOCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2003).

Nesse sentido, a nossa pretensão não é a de sugerir qualquer remodelamento na proposta de redação do ENEM e no edital como um todo, mas sim, a de identificar como as relações dialógicas se cruzam nesses documentos, confirmando a nossa ideia de que o dialogismo, isto é, o diálogo social entre os sujeitos da linguagem, ocorre em qualquer que seja a prática interlocutiva, neste caso, a de “professor-pesquisador $\rightarrow\leftarrow$ proposta de redação e edital do ENEM”, e que a citada noção não se limita a nenhuma modalidade de linguagem ou suporte discursivo. Vemos a necessidade dessa observação mediante as tantas dúvidas e críticas depositadas, principalmente, na proposta de redação do ENEM, enfatizando as críticas relacionadas à proposta inflexível de escrita textual instituída nela. Nessa linha de pensamento, a partir dos estudos do círculo de Bakhtin³, e, tendo como materialidades discursivas, o Edital Enem 2017 e a Proposta de redação 2017, intentamos identificar as relações discursivas que estão embutidas em enunciados concretos desses documentos, com foco na relação dialógica de responsividade e nos conceitos

3 O chamado Círculo de Bakhtin é constituído por uma equipe de estudiosos, na qual os integrantes principais são M. Bakhtin, o líder, V. N. Volochinov e P. N. Medvedev. Todos eles possuíam pretensões filosóficas comuns e se juntavam no intuito de debater os seus pensamentos, principalmente entre 1920 e 1930, na Rússia, período de grande produção intelectual do grupo (CLARK e HOLQUIST, 1998 [1984]).

que a compõe, como o de compreensão responsiva ativa e de atitude responsiva ativa, além de uma articulação com a noção de produção responsiva ativa, caracterizada por Zozzoli (2002).

Para tal investigação, devemos nos apoiar em Volochinov (2017), Bakhtin (1998, 2003), Zozzoli (2002, 2012), Fiorin (2006), por meio dos quais faremos breve revisão do dialogismo, compreensão responsiva ativa e produção responsiva ativa, conceitos-chave para este trabalho, além de curto percurso acerca do Enem, que fornece o material discursivo para a nossa análise.

DIALOGISMO E RESPONSABILIDADE: ALGUNS ESCLARECIMENTOS

A teoria dialógica da linguagem vem dando aos pesquisadores de diferentes campos de estudo subsídios para observações sobre a linguagem que se articulam diretamente com a vida social, em que se defende a importância de o sujeito ser responsivo ativo em suas diversas práticas de linguagem que se concebem no cotidiano. Para estabelecer uma reflexão acerca da responsividade como relação dialógica, cabe-nos iniciá-la com um esclarecimento mais generalizado no tocante ao conceito de enunciado que estamos seguindo no presente trabalho. Bakhtin (2003, p. 297) depreende que o enunciado:

deve ser visto antes de tudo como uma ‘resposta’ aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de outra esfera da comunicação discursiva.

A plenitude do enunciado existe devido às particularidades contextuais que estão envolvidas na prática interativa de linguagem, pois o locutor se coloca em variadas “posições-sujeito” (SOBRAL, 2009, p. 47) a depender de seu/s interlocutor/es. Segundo Fiorin (2006, p. 167), “o nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos que semiotizam o mundo”. Nesse caminhar, podemos assegurar que o que produzimos, em termos de interação verbal, está sempre em relação a outro dizer, numa relação dialógica. Vale afirmar, dessa forma, que as relações dialógicas se manifestam por intermédio de uma orientação social (VOLOCHINOV, 2017), a qual não age internamente, mas sim, em interlocuções com o mundo exterior.

Como declara Bakhtin (2003, p. 345), “A relação dialógica é uma relação de (sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou plano linguístico), entabularão uma relação dialógica”. Nessa perspectiva, trazemos para este estudo o diálogo que se obtém pelo contido no Edital do Enem 2017, no que se refere às situações que levam à nota zero na redação do Enem, ao fazermos um contraponto com a proposta de redação e o que não se deve fazer

para não se ter a produção textual invalidada, na intenção de referenciar a relação dialógica da linguagem entre esses documentos e a quem eles se dirigem – o participante do Enem.

Ainda segundo Bakhtin (2003), é através da interação com o outro e seus enunciados que se pode compreender a expressão conferida às palavras e aos enunciados, de modo que tal entendimento objetive uma compreensão responsiva ativa de quem está na outra ponta do diálogo, por assim dizer. Tal compreensão responsiva advém, dentre outros fatores, do grau de informação do destinatário, bem como do seu conhecimento na área em que se insere na interação. É o caso do participante do Enem que se depara, quando da inscrição no certame, com o Edital que dita as regras do exame, dentre as quais, aquelas que se referem à redação, dando especial atenção ao que pode levar o participante – se este não compreender o que lá está posto – a zerar a sua produção textual, bem como, no momento efetivo da sua produção, com a proposta de redação, para a qual deve estabelecer um diálogo coerente com o que lhe foi pedido, a fim de ter sua compreensão discursiva validada.

Bakhtin (2003, p. 300) destaca que “na vida social, há sempre compreensão ativa em relação ao que é dito e compreendido”; assim, “no que se chama ‘não compreensão do aluno’, existe sempre uma tomada de posição ativa, que se explicita pela não resposta, pela resposta inadequada [...]. Trata-se, na realidade, de uma compreensão não esperada”. Em uma articulação com as práticas de produção de textos em sala de aula de línguas, Zozzoli (2002) acredita na existência de uma produção responsiva ativa, uma vez que pela compreensão do aluno em relação ao que o professor observa no seu texto, é possível que ele produza um novo texto. Nas palavras da autora:

chamo de produção responsiva ativa (...) a continuidade dessa atitude que se inicia na compreensão e se desenvolve para além de um novo texto produzido, considerado, dessa forma, não como produto, mas como parte de um processo que se estabelece na interação verbal e não verbal e que não se conclui na materialidade dos textos (ZOZZOLI, 2002, p. 20-21).

Dessa maneira, a ampla noção de dialogismo abre espaço para a intersecção que a autora realiza para o ensino e a aprendizagem de línguas, sugerindo que as práticas de produção de texto na escola sejam inseridas em uma vertente processual, o que é próprio da Linguística Aplicada, pois o aluno, durante o seu processo de aprendizagem, carece de estímulos relacionados à organização de ideias e aprimoramento de conhecimentos referente à superfície/estrutura textual. Ao assumir essas práticas, o professor estará encaminhando o aluno para uma habilidade discursiva eficiente que surtirá efeitos positivos quando este se submeter ao ENEM.

De acordo com Zozzoli (2012, p. 264),

A noção de compreensão responsiva ativa requer, em termos de ações de sala de aula, um trabalho com a leitura do texto que abra espaço para o diálogo no lugar de um questionário com perguntas prontas, o que significa a necessidade de se estabelecer uma interação, que, embora sempre assimétrica, proporcione ao aluno o lugar de enunciatador, integrando

diversos conhecimentos de mundo, como, por exemplo, entre os conhecimentos da cultura letrada e os de grupos culturais não letrados aos quais possam pertencer os alunos em alguns casos.

A compreensão, que se define como responsiva ativa, intimamente relacionada com as práticas de ensino e aprendizagem escolares e em futuros exames de seleção, na medida perspectiva do aluno/participante, será fator determinante para o que se tem pensado como *produção responsiva ativa*. Assim, pela *compreensão responsiva ativa*, que, como diz Bakhtin (2003), gera o “germe” da resposta, ativa-se aquela que será a responsável pela *produção responsiva ativa* do participante. Essa produção é resultante, assim, da interação de dois sujeitos posicionados e organizados socialmente: de um lado, as equipes do governo que elaboraram os documentos (Edital e Proposta de redação), objetos deste estudo; de outro, o participante que dialoga com os textos produzidos por essas equipes para a produção do seu próprio texto.

O ENEM, O EDITAL 2017 E A PROPOSTA DE REDAÇÃO 2017

Em linhas gerais, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que iniciou sua caminhada em 1998 como avaliação do Ensino Médio, hoje, é a porta de acesso ao Ensino Superior; sua trajetória foi modificada de avaliação para seleção. Nessa mudança de concepção, os documentos que compõem o acervo e que delimitam esse Exame também sofreram transformações, de forma que houvesse orientações condizentes com o novo percurso. Uma das mudanças empreendidas se deveu à inclusão no Edital que regula o certame das situações que levam à nota zero, algo inexistente quando o Exame (de 1998 a 2005) apenas avaliava os participantes, e, por meio dessa participação, as escolas onde esses sujeitos estudavam/estudaram. A partir de 2009, o Exame passou a ser seletivo, o que fez que a nota zero fosse adotada como critério de exclusão, fator inerente a todo e qualquer processo seletivo.

No Edital de 2017, foram estabelecidos os seguintes critérios de avaliação que levam o candidato a ter sua produção textual zerada:

- 14.9 Será atribuída nota 0 (zero) à redação:
 - 14.9.1 que não atenda à proposta solicitada ou que possua outra estrutura textual que não seja a estrutura dissertativo-argumentativa, o que configurará ‘Fuga ao tema/não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa’;
 - 14.9.2 que não apresente texto escrito na Folha de Redação, que será considerada ‘Em Branco’;
 - 14.9.3 que apresente até 7 (sete) linhas, qualquer que seja o conteúdo, que configurará ‘Texto insuficiente’;
 - 14.9.3.1 as linhas com cópia dos textos motivadores apresentados no Caderno de Questões serão desconsideradas para efeito de correção e de contagem do mínimo de linhas.
 - 14.9.4 que apresente impropérios, desenhos e outras formas propositais de anulação, bem como que desrespeite os direitos humanos, que será considerada ‘Anulada’; e

14.9.5 que apresente parte do texto deliberadamente desconectada com o tema proposto, que será considerada ‘Anulada’ (DOU, 2017, p. 47).

Tendo conhecimento desses critérios, dentre outros aspectos que norteiam o Exame, o participante terá pela frente a proposta de redação, com a qual dialogará para a elaboração de sua produção textual. O Enem 2017 trouxe a seguinte proposta aos participantes:

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “**Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista (GUIA DO ESTUDANTE, 2017).

É de conhecimento de todos, não só dos participantes, mas de todos os que se interessam de alguma forma pela redação do Enem, que essa proposta vem acompanhada de textos motivadores, verbais e não verbais, que têm como objetivo orientar a produção do participante, o que, segundo nossa análise, já é um grande auxílio para que tal participante não fuja ao tema, por exemplo, e, assim, não tenha seu texto zerado. É, nesse sentido, que ressaltamos as relações discursivas que se estabelecem pelos diálogos empreendidos entre textos e leitor, os quais contribuem sobremaneira para a efetivação da produção textual do participante. Faz-se necessário aqui mencionarmos que tais textos motivadores não são, no momento, objetos deste estudo, mas é importante citá-los para a compreensão do todo da proposta de redação de que falamos acima.

O ENEM E AS SITUAÇÕES QUE LEVAM À NOTA ZERO: POSIÇÃO ATIVA NA ‘NÃO COMPREENSÃO DO ALUNO’⁴

Centrando-nos no grande contingente de provas de redação do ENEM anuladas, em 2017: 309.157 textos, conduzimos nossa reflexão pelo enunciado da prova, ponto de partida para a elaboração da redação do ENEM. O que deixou de ser compreendido na proposta da redação do Enem 2017 que fez que tantos participantes zerassem sua nota? De início podemos afirmar que a compreensão responsiva ativa, “preenche” de resposta, não surtiu o efeito esperado para uma produção responsiva ativa efetiva, condizente com o solicitado na proposta de redação do Enem.

Ao retomarmos o contido na proposta de redação, vemos que o participante se depara com várias orientações para as quais deve atentar, dialogar, a fim de conduzir a sua escrita:

⁴ Termos retirados de Zozzoli (2012).

→ Leitura dos textos motivadores

O que são? Para que servem? Como se utilizar deles? É possível a utilização desses textos sem que a prova seja anulada ou se tenha nota baixa por isso? Esses são alguns dos questionamentos, diálogos possíveis estabelecidos entre o participante e o texto-base orientador para a produção de seu texto.

Acreditamos que esses questionamentos devem perpassar o ensino de língua portuguesa, especialmente no ensino médio⁵, a fim de que o estudante saiba que os textos disponibilizados na proposta de redação do Enem já lhe dão um direcionamento do que ele deve falar em seu texto, e de como é possível deles se utilizar com propriedade. Pelo que se veicula nas esferas midiáticas, sabemos que não são poucos os participantes que transcrevem (copiam literalmente) todo um texto motivador ou partes inteiras de um ou mais textos na elaboração do que seria a sua produção textual. Isso pode levar os textos desses participantes a serem avaliados como *Cópia de texto motivador*, o que, certamente, zerará a nota desses sujeitos. Para o caso, entendemos que tais sujeitos podem ter reconhecido o que constava no Edital (subitem 14.9.3.1, já mencionado), mas não o compreenderam como deveria ser, para que não tivessem sua nota avaliada como zero, por descumprimento do que foi orientado.

Nesse sentido, é importante que outras relações dialógicas venham à tona; desse modo, torna-se relevante que o professor do ensino médio não só atente para a existência dos textos-base como orientação e fornecimento de dados que podem ser (bem) utilizados pelos estudantes nas suas produções textuais, como também que suas estratégias de leitura e produção de texto em sala de aula tenham esse viés, a fim de que os discentes possam ter no dia-a-dia essa possibilidade de construção textual. A noção de compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 2003) e de produção responsiva ativa (ZOZZOLI, 2002) podem contribuir como um encaminhamento significativo para uma observação acerca da cópia do texto motivador. Na leitura do texto, que antecede a produção escrita (seja ela no rascunho ou na folha de redação), o participante encontrará, na grande maioria dos casos, os primeiros subsídios conceituais e temáticos para a escrita do seu texto. Tal leitura se torna decisiva no que diz respeito do grau da compreensão responsiva ativa que se estabeleceu.

No momento da produção do texto é possível que se identifiquem os efeitos da compreensão que antecedeu a produção. Quando o aluno toma como base o texto motivador para articulá-lo com alguns de seus conhecimentos de mundo e produz um texto favorável ao que se propõe nos requisitos avaliativos do ENEM, a produção foi responsiva ativa. Na medida em que se ocorre o contrário: a cópia do texto motivador, o aluno se coloca no papel de reproduzidor do texto que leu e produz uma, como já anuncia a nomenclatura, “cópia” do que já havia sido apresentado. No entanto, na segunda ilustração de caso, não é possível que se afirme que não existiu compreensão por parte do aluno. A compreensão responsiva ativa existe no processo de cópia do texto motivador, porém num grau insuficiente para uma produção responsiva ativa.

5 A maioria de participantes do Enem advém dos concluintes do Ensino Médio.

A produção própria do participante (sem se utilizar de cópia literal de texto motivador) está demarcada na continuidade da proposta de redação, que diz que o texto deve ser elaborado também:

→ **Com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação**

Faz-se importante, nesse momento, retomarmos o conceito de “dialogismo, no qual a noção de que o sujeito se constitui historicamente e a partir dos outros é determinante para sua própria ação” (BAKHTIN, 1992). Nessa perspectiva, o sujeito constrói-se permanentemente pela interação com o outro, pelo encontro com a palavra do outro, em diversas esferas e em variados momentos de sua vida.

Assim, não é demais afirmar que o estudante, pelo seu papel ativo na comunicação discursiva, deve ter ciência de que se espera dele um enfoque ao tema solicitado, tendo em vista o que aprendeu e tem aprendido nos seus estudos. As leituras de livros, revistas, jornais etc.; o acesso a documentários, a programas jornalísticos, a debates, dentre outros canais de acesso à informação; as discussões em sala de aula; as pesquisas solicitadas e realizadas no âmbito escolar ou fora dele têm sido de grande valia para a construção do conhecimento. Certamente isso faz que o participante acumule repertório diversificado para uma infinidade de temas, e ele possa selecioná-los para atender ao solicitado.

Ressaltamos que a orientação docente, nesse sentido, faz uma enorme diferença. Assim, é de importância ímpar o estímulo a essas leituras para cada um dos estudantes, bem como o direcionamento ao que devem assistir, não só para fazer uma boa avaliação, mas também para ficarem atentos aos acontecimentos do mundo, e poderem dialogar com as diferentes áreas da vida.

Enfim, quando se fala em o candidato estruturar seu texto no conhecimento acumulado nos seus estudos (compreensão responsiva ativa de efeito retardado, nesse caso), podemos afirmar que, dentro do tema, quanto mais ele reelabora os textos motivadores, ou os utiliza apropriadamente na construção de seus argumentos, mais ele terá sua nota acrescida na avaliação temática.

→ **O texto deve ser redigido utilizando-se o tipo textual dissertativo-argumentativo**

É importante assinalar que o tipo textual dissertativo-argumentativo é o que mais o estudante no nível a que ele almeja (universitário) vai utilizar. Tanto nos textos estudados em sala de aula, como naqueles que produzirá durante a vida acadêmica (artigos, resenhas, monografias, TCCs, dissertações, teses...), predominam a dissertação e a argumentação. Nesse sentido, a redação escolar e sua variante, a redação do ENEM, são preâmbulos, podemos assim dizer, das produções acadêmicas.

No entanto, é muito comum nos depararmos com textos de participantes que, *mesmo dentro do tema ou só do assunto*, ou não respeitam o tipo de texto solicitado ou não demonstram conhecimentos necessários sobre sua constituição. Assim sendo, o candidato termina por escrever uma narrativa, um poema, uma instrução etc., e, por essa falha se inclui na situação que leva à nota zero: não atendimento ao tipo textual.

Bakhtin (1998, p. 153) afirma que “no campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo (...)”. Nessa perspectiva, pensamos que o sujeito ser direcionado a se comunicar de uma forma tal (texto dissertativo-argumentativo) e não da forma que ele mesmo escolhesse ou achasse mais viável, para que favorecesse o seu diálogo com o outro, estabelece-se uma “interação tensa”, um conflito mesmo, o qual nem sempre é resolvido no produto efetivado; assim, a produção discursiva do participante, por vezes, não atende ao solicitado e termina por ser anulada.

→ **O texto deve ser elaborado na modalidade escrita formal da língua portuguesa**

Nesse quesito, se nos referirmos apenas ao que leva à anulação do texto, ressaltamos que deixa de ser avaliado, competência a competência⁶, o texto que estiver todo escrito em língua estrangeira. Um texto assim construído será anulado, pois foge completamente ao solicitado na proposta de redação: texto escrito na modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Destacamos, também, que, mesmo que a exigência esteja mais próxima, por assim dizer, dos participantes concluintes do ensino médio, ainda nos deparamos com muitas situações alheias à formalidade requerida. É o caso de textos que contêm impropérios, desenhos ou apresentam outras formas propositais de anulação (quando o participante, mesmo que estivesse tratando do tema/assunto, passa um traço de cima a baixo no seu texto, evidenciando a intenção de anular a produção textual, por exemplo).

Pensamos que, em se tratando de utilização de impropérios, por exemplo, ou o participante, conscientemente, faz uso do que não deve, e, assim, tem a intenção de anular sua prova, ou desconhece, absolutamente, o que é formalidade numa escrita (sem falar nos termos da oralidade, muito recorrentes nos textos, que não anulam a prova, mas diminuem bastante a nota na Competência I – a que trata do domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa).

→ **A produção textual deve ser sobre o tema** *Desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil*

Mesmo com todas as informações passadas, desde a proposta até as orientações (sobre o que deve ou não fazer na sua produção textual), passando pelos textos motivadores, que

6 As redações do Enem são avaliadas por meio de uma Matriz de correção, que conta com 5 (cinco) competências e níveis de notas.

já orientam muito sobre o que deve tratar o texto, há uma grande quantidade de produções avaliadas fora do tema proposto (Fuga ao Tema). Esta é a situação mais recorrente entre os demais casos que levam à nota zero, e, sob nossa análise, o ponto mais preocupante. Esse aspecto denota um desconhecimento, uma precariedade em relação ao que se pede, provavelmente problemas na leitura e interpretação de textos; é o ponto em que o diálogo sofre uma quebra, pela incapacidade de o outro não compreender o sentido do que foi enunciado. Esse fato nos leva a crer que a compreensão responsiva ativa nessa relação dialógica está em desacordo com o esperado pelo outro, e, em assim sendo, a produção responsiva ativa não se efetiva coerentemente para a questão levantada.

Conforme diz Volochinov (2017, p. 184), “Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta”. Para o caso tratado – Fuga ao tema –, tanto a resposta dada quanto a orientação de que o participante se serviu para uma resposta divergem do esperado na produção textual do Exame de que falamos. A resposta ao enunciado concreto segue em direção divergente ao solicitado; a orientação para a resposta (avaliação da produção) produz uma compreensão responsiva ativa coerente com o realizado, mas, talvez, inesperada, do ponto de vista daquele que produziu o texto, pela incompreensão do enunciado primeiro.

Em razão dessas incompreensões dos enunciados, as quais interferem, contundentemente, nas “prenhes” respostas que esses enunciados apresentam, acreditamos que há uma necessidade extrema de mais e mais estratégias de leitura e interpretação de textos nas escolas, posto que elas, hoje, sob nosso entendimento, mostram-se insuficientes, e isso se reflete nas produções textuais/discursivas dos estudantes. O que se espera, por exemplo, num exame como o Enem, é que haja, pelo menos, por parte do participante, entendimento do tema/assunto apresentado na proposta (em 2017, Formação de surdos), e que ele procure entender tal temática pelo exposto nos textos motivadores.

Na elaboração de seu texto, o estudante, por vezes, quando não foge do tema, termina por inserir trechos que destoam completamente da proposta de redação — se por intenção ou não, não cabe ao avaliador esse julgamento, mas o de reconhecer o que está fora do rumo —, o que leva seu texto a ser eliminado por conter Parte desconectada do tema, outro aspecto que leva a produção do participante a ser avaliada com nota zero, só para citar.

→ **A produção, dentro do tema, deve apresentar proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos**

Não apresentar proposta no texto não zera uma redação; a nota é zerada apenas na Competência V – competência essa intimamente ligada ao respeito aos direitos humanos –, mas o texto não é anulado. No entanto, sendo ou não um bom texto, se há propostas que firam os direitos humanos (p. ex.: segregação por raça, credo, religião, estrato social, entre outros aspectos que afrontem deliberadamente os direitos à vida, à integridade, à liberdade, à intimidade), o participante receberá nota zero.

A fim de que se tenha uma compreensão responsiva ativa que culminará numa produção responsiva ativa, necessário se faz alertar os alunos acerca dos direitos humanos, a fim de que eles, em qualquer atividade com que se depararão e não apenas na produção de um texto cobrado numa seleção, tenham o discernimento de como agir diante de uma questão tal que se lhes apresente. Nesse sentido, apresentar e discutir os direitos fundamentais da nossa Constituição, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, entre outros documentos que tratem do assunto, é indispensável nas escolas, a fim de formar cidadãos que aprendam o que é respeitar o outro. No fim, o estudante deve compreender que esse aprendizado ético independe de elaboração de um texto para ser aprovado, mas é algo que vale para a vida toda, em todas as áreas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a anulação de Redações do ENEM tem, pelo menos, uma vertente que não podemos deixar de considerar, dentre as elencadas a seguir, em se tratando do participante do Exame: total falta de entendimento do que se pede e insuficiente interpretação da proposta da prova; ingenuidade ou desconhecimento dos critérios de avaliação; intenção de anular a redação por desistência de participação no ENEM; intenção de testar o processo de avaliação ou de desqualificar o exame; formação precária por parte do sistema escolar. Todos esses aspectos confluem para equívocos advindos dos diálogos instaurados e vivenciados pelos atores do processo. De um lado, evidenciando-se a participação no Enem, especialmente, na prova de redação, o aluno participante; de outro, os seus pares no diálogo: professores, escola, Governo, e, especificamente, os textos com que se deparou no Exame, os quais geraram uma compreensão responsiva ativa, muito embora, em muitos casos, deficitária, razão por que uma resposta não condizente com o esperado – textos anulados –, advinda de uma produção responsiva ativa insuficiente, inadequada.

Os enunciados concretos dados (Edital do Enem, anterior à realização da prova, e a proposta de redação, composta da consígnia e dos textos que orientam o tema solicitado) requeriam uma posição do participante (“falante”/respondente), a partir do diálogo estabelecido entre este e os textos com que se deparou no Exame citado.

O que ressaltamos, no entanto, em vista do que tratamos – textos que são anulados por descumprimento das regras estabelecidas ou por falhas na comunicação, no diálogo –, é que as respostas dadas em tais textos que obtiveram a nota zero foram tidas como um equívoco na relação dialogal/discursiva, e, nesse caso, o enunciado precedente fornecido no Exame (a proposta de redação) teve uma visão turva, incoerente, por parte do participante que teve sua nota zerada na prova, resultado observado no enunciado concreto (a redação efetivada) desse participante.

Mesmo com a possibilidade de paráfrases dos textos fornecidos, orientadores da produção textual, além dos “ecos e ressonâncias de outros enunciados”, os quais poderiam orientar a produção textual do participante, as respostas dadas (o texto do participante), para

os casos específicos de que tratamos neste artigo, foram insuficientes para se atribuir uma nota diferenciada de zero. Isso nos leva a afirmar que o diálogo estabelecido não surtiu o efeito que se esperava. Se a “compreensão responsiva ativa nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta” (BAKHTIN, 1988, p. 153), o fato de as notas dos participantes terem sido zeradas faz que percebamos que, desde o início do processo (leitura da proposta e dos textos motivadores), a compreensão responsiva ativa no diálogo se deu no nível da incompreensão textual-discursiva.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

CLARK, K; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin (1984)*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

EDITAL Enem 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2017/edital_enem_2017.pdf> Acesso em: 28. fev. 2019.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

PROPOSTA de redação Enem 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/redacao-para-o-enem-e-vestibular/proposta-de-redacao-enem-2017-formacao-educacional-de-surdos/>>. Acesso em 27. Fev. 2019.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

ZOZZOLI, R. M. D. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, p. 253-269, 2012.

ZOZZOLI, R. M. D. Compreensão e produção responsivas ativas: indícios nas produções dos alunos. In: ZOZZOLI, R. M. D (Org.) *Ler e produzir: Discurso, texto e formação do sujeito leitor/produtor*. Maceió: EDUFAL, 2002, p. 13-32.